

## Saberes e práticas na fronteira oeste da América portuguesa, século XVIII

Otávio Ribeiro Chaves<sup>1</sup>

Em dezembro de 1772, D. Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres assumiu o governo da Capitania Geral de Cuiabá e Mato Grosso. Como era usual, na passagem do cargo, o governador Luis Pinto de Souza Coutinho apresentou detalhadas informações sobre a capitania, como a situação de sua povoação, da agricultura, das minas, do comércio e dos novos estabelecimentos, da administração da fazenda, da justiça, do poder eclesiástico e sobre a organização das tropas e milícias.<sup>2</sup> Pereira e Cáceres tinha sido nomeado governador em Lisboa, em 13 de agosto de 1771, e recebeu do Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, Martinho de Melo e Castro, instruções de como deveria proceder durante seu governo.<sup>3</sup>

Nas informações entregues por Souza Coutinho a Pereira e Cáceres, existem referências ao forte Bragança, sendo relatado sobre a vistoria feita pelo Sargento-Mor José Mathias de Oliveira Rêgo e o Ajudante de Engenharia Domingos Sambucetti, com pareceres sobre a sua estrutura e informando que este tinha sido construído em um terreno impróprio, e que fora avaliado um novo local para a edificação de outra fortificação, “o qual reúne ao mesmo tempo a solidez do terreno, com as maiores vantagens de defesa”.<sup>4</sup>

---

1 Professor Doutor em História Social, Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso – campus de Cáceres. Email marogab@hotmail.com

2 Vila Bela, 24 de dezembro, 1772. Instrução de Luis de Souza Coutinho para Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. In MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil. Rio de Janeiro: Xerox, 1985, p.109.

3 Lisboa, 13 de Agosto, 1771. Instruções que levou Luis de Albuquerque Pereira e Cáceres quando foi nomeado governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso. In FREYRE, Gilberto. Contribuição para uma sociologia da Biografia. Cuiabá, MT: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978, p. 363.

4 MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Rios Guaporé e Paraguai, op. cit., p 110.

Considerava Souza Coutinho que no novo estabelecimento militar poderiam alojar “a Artilharia e a Guarnição Militar, ficando a presente reduzida a Aldeia de Lavradores com algumas tendas miúdas para o tráfico com os índios vizinhos”. Recomendava ainda que o forte Bragança e as terras vizinhas fossem utilizadas “para o sustento da guarnição, e hospital; nas suas imediações há campanha suficiente para pasto de 600 cabeças, e para criação de 50 cavalos”. Medidas essas que seriam essenciais para abastecer a população envolvida nas obras e os militares que seriam aquartelados na nova fortificação.

A preocupação da Coroa não era somente com a defesa da capitania de Mato Grosso, mas garantir o povoamento de áreas próximas da nova fortificação, medida que vinha sendo implementada desde a edificação do fortim de Nossa Senhora da Conceição. Sem população não seria possível levar adiante o ambicioso projeto de integração entre a capitania de Mato Grosso e o Estado do Grão-Pará e Maranhão, nem tampouco garantir as riquezas minerais existentes no distrito do Mato Grosso.

A orientação da Coroa era de que se edificasse a nova fortaleza entre as confluências do Madeira e Mamoré. Essa alternativa, depois de minuciosamente inspecionado o local pela expedição de Luís de Albuquerque, foi descartada por ser o local baixo e alagadiço. Buscou-se então outro local que estivesse estrategicamente posicionado na direção das bocas daqueles importantes rios espanhóis: Baures/Itonamas/Mamoré/Madeira. Alcançou-se a região onde depois se edificou o forte, entre os rios Baures/Itonamas e Madeira/Mamoré num rochedo maciço que se elevava na margem direita do Guaporé.<sup>5</sup>

Percebe-se a preocupação da Coroa em garantir, efetivamente, o controle dessa parte da capitania de Mato Grosso diante a possibilidade de invasão de tropas espanholas. A ligação mantida entre Belém e Vila Bela era através da navegação via os rios Guaporé>Mamoré>Madeira>Amazonas. A nova fortificação daria continuidade ao papel desempenhado pelo forte Bragança, que era o de assegurar a navegação do rio Guaporé com o Estado do Grão-Pará e Maranhão. Com base nas correspondências de Domingos Sambucetti com os governadores Souza Coutinho e Pereira e Cáceres, entre

---

5 FERNANDES, Suelme Evangelista. O Forte do Príncipe da Beira e a Fronteira Noroeste da América Portuguesa (1776-1796). Cuiabá, MT. 2003. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível na Internet: <http://www.ppghis.com>, pp.100-101.

1772 a 1777,<sup>6</sup> podemos reconstituir alguns momentos iniciais das obras do forte Príncipe da Beira, como também saber as imensas dificuldades enfrentadas por esse ajudante de engenharia genovês no interior das florestas do vale do Guaporé, onde se deparou com a falta de recursos humanos para auxiliá-lo nas atividades de engenharia, de artesãos com experiência nos ofícios de carpintaria, ferreiro, extração de pedras (caboqueiro), além da grande dificuldade em obter mão-de-obra escrava e equipamentos adequados para o trabalho nas obras.<sup>7</sup>

Importante ressaltar que as experiências vividas por esse genovês nessa parte da América do Sul foram compartilhadas com personagens que detinham experiências culturais muito distintas do seu grupo de origem, como africanos e ameríndios. No canteiro de obras montado por Sambucetti eram freqüentes as contendas entre homens brancos e africanos (escravos e forros), como havia conflitos envolvendo também militares. Nesse cenário, os antagonismos eram motivados pelas fortes clivagens existentes nessa sociedade luso-brasileira. Era um espaço onde, invariavelmente, explodiam as tensões, trazendo à tona as mais diversas formas de resistências culturais, não diferentemente do que ocorria em outras partes da América portuguesa. No entanto, vale considerar que essas relações eram também pautadas por negociações e solidariedades, pois viver em um ambiente hostil, onde havia doenças, violência, solidão, acabava provocando momentos de aproximações entre esses indivíduos, mesmo pertencendo a diferentes classes, grupos étnico-sociais.

---

6 No Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) selecionamos dezenove correspondências de Domingos Sambucetti enviadas aos governadores Souza Coutinho e Pereira e Cáceres, desde 1772 a 1777, contendo minuciosas informações sobre o forte de Nossa Senhora da Conceição (forte Bragança) e o andamento das obras do forte Príncipe da Beira. Somadas a essas cartas, selecionamos mais oito que foram publicadas por Gilberto Freyre, em 1978, e por Marcos Carneiro de Mendonça, em 1985, totalizando vinte e sete documentos. Optamos em trabalhar aspectos referentes às técnicas construtivas dessas fortificações, apontando nesses cenários as formas de sociabilidades estabelecidas entre os distintos grupos étnico-culturais participantes desse processo produtivo. Cabe esclarecer, que, as cartas escritas por Sambucetti a Pereira e Cáceres, não fazem nenhuma menção ao Príncipe da Beira, pois somente em junho de 1776 é que esse estabelecimento militar receberá essa designação, em homenagem ao primogênito da Princesa D. Maria Francisca (primeira herdeira ao trono) e segundo, na linha de sucessão a Coroa. Esse título era concedido aos primogênitos herdeiros da Coroa, desde 1734.

7 FERNANDES, Suelme Evangelista. O Forte do Príncipe da Beira, op. cit., p. 45; Segundo Antonio Leôncio Pereira Ferraz, o forte Príncipe da Beira ficava “em 12o. 36' de Latitude e 21o. 26' 28" de Longitude W do Rio de Janeiro”. FERRAZ, Antônio Leôncio Pereira. Memória sobre as Fortificações de Mato Grosso (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930, p. 189.

As relações sociais nesse ambiente eram sujeitas a hierarquias, pautadas em distinções étnico-sociais. No mais baixo degrau dessa escala se encontrava a maior parte da população, constituída de negros e mestiços, que viviam nas condições de escravos e libertos, sob mando de uma minoria branca. Somado a esses grupos tinham os ameríndios que viviam nas proximidades do forte Bragança, e que desempenhavam inúmeras funções, como a de lavradores, pescadores, remeiros, trilhadores e soldados. Devido à presença desses ameríndios próximos ao forte, o governador Souza Coutinho redistribuiu parte dessa população para as Povoações ameríndias de Lamego e Leomil. A intenção do governador era manter um grupo nas proximidades do forte e um outro nessas aldeias. Souza Coutinho autorizou a Provedoria da Fazenda a liberar recursos para a compra de ferramentas, roupas e outros utensílios, que servissem para o cultivo de gêneros alimentícios, pesca e a criação de pequenos animais. A idéia era ter áreas produtivas nas proximidades do forte, visando abastecer os militares e garantir e manutenção dos próprios ameríndios.

Alguns militares, de origem portuguesa, com experiência em engenharia eram destinados a auxiliar Sambucetti em levantamentos hidrográficos, topográficos, desenho, etc. Cabia ao comandante do forte Bragança, tenente-de-dragões Joseph Manuel Cardoso da Cunha, que tinha sido nomeado pela Coroa no lugar de Manoel Caetano de Souza,<sup>8</sup> manter o controle sobre as ações dos militares que se encontravam sob sua jurisdição, executando tarefas como o patrulhamento dos rios, expedições em busca de escravos e soldados fugitivos, supervisão sobre as povoações de ameríndios de Lamego e Leomil e atender as solicitações feitas por Sambucetti para a execução das obras. Com certa freqüência, o comandante enviava correspondência a Pereira e Cáceres, informando sobre a atuação do genovês no canteiro de obras, e sobre o comportamento dos trabalhadores que ali estavam. No topo da hierarquia, portanto, encontrava-se o governador, que residia em Vila Bela.

O comandante do forte Bragança, Joseph Manuel Caetano de Souza, quando da chegada de Sambucetti ao local tinha sido encarregado por Pereira e Cáceres para

---

8 Esteve à frente do comando do fortim de Nossa Senhora da Conceição (desde a sua edificação), o alferes-de-dragões Marcelino Rodrigues Roiz. Quando o fortim foi transformado em fortaleza, em novembro de 1766, passou a ser comandado por Joseph Manuel Caetano de Souza. Este foi substituído pelo tenente-de-dragões Joseph Manuel Cardoso da Cunha em dezembro de 1775. Quando Sambucetti chegou ao forte Bragança para dar início às obras do forte Príncipe da Beira o comandante daquela praça ainda era Caetano de Souza.

atender as solicitações feitas pelo engenheiro, visando o imediato início das obras. O genovês ficou instalado, inicialmente, em uma modesta casa de propriedade da preta forra Ana Moreira. Devido à falta de iluminação para dar início ao trabalho de confecção das plantas da nova fortificação, ele preferiu utilizar-se de algumas árvores de laranjeiras que existiam próximas a casa, pois considerava como um espaço mais arejado e com iluminação. O cabo de esquadra Antonio Ferreira Coelho, tinha sido designado por Caetano de Souza para acompanhá-lo durante o trabalho de campo, pois o terreno, que em 1771 tinha sido escolhido para erguer a fortaleza, encontrava-se totalmente tomado de mato, e os pequenos casebres que existiam nele não davam condições de moradia. Durante a limpeza do terreno foram utilizados 27 escravos pertencentes a Coroa e 16 de propriedade de Manoel de Souza Silva. O primeiro passo foi derrubar e limpar a mata que existia à margem do rio Guaporé, como também a área onde se encontrava o seu improvisado “escritório”. Em seguida, Sambucetti mandou construir “um telheiro de dez braças de comprimento e três de largo para logo se poderem acomodar os pretos do Rei”. A intenção do genovês era ter os escravos próximos ao local onde seria montado o canteiro de obras. O genovês mandou também edificar uma pequena casa para abrigar o feitor Thomaz, que tinha como responsabilidade manter a escravaria sob vigilância. Toda uma engrenagem de controle e punição se reproduzia nesse ambiente: feitores, escravos e atos de violências fizeram parte desse cenário, desde o início das obras. A preocupação primeira era a de preparar o terreno às margens do rio Guaporé, “onde ficaria na frente o lado maior e total do quadrado, conforme as dimensões do projeto último por V. Ex<sup>o</sup>. tinha me ordenado; e só depois de desta operação é que ficará orientada a planta, e eu a enviarei a V. Ex<sup>o</sup>. uma cópia, na conformidade que me ordena”.<sup>9</sup>

A limpeza de terrenos, a extração e o transporte de pedras e madeiras, a abertura de fossos, enfim, o trabalho mais pesado era desenvolvido por escravos africanos e crioulos que, desde as primeiras horas do dia se ocupavam das atividades distribuídas pelos feitores. Não há menção sobre o trabalho ameríndio nas obras, o que não invalida a sua participação em atividades como remeiros, trilhadores, pescadores, pois se

---

9 APMT. Carta de Sambucetti para Pereira e Cáceres, em 27 de abril de 1775. Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza. Série: Correspondência Passiva. Local: Forte da Conceição e das Obras, pp. 125-126.

encontravam alocados nas proximidades do forte Bragança e eram considerados pela Coroa como povoadores, vassalos do Rei.

Como indicamos, cabia aos militares com alguma formação em engenharia auxiliar Sambucetti na execução das obras da nova fortificação. Escravos fugitivos, quando recapturados em domínios espanhóis ou nos quilombos existentes na capitania de Mato Grosso, eram enviados para trabalhar nas obras do forte Príncipe da Beira. Dos armazéns da Provedoria da Fazenda instalada em Vila Bela e dos Povoados ameríndios de Lamego e Leomil, eram enviados gêneros alimentícios, como milho, farinha, toucinho, para abastecer os armazéns do forte Bragança e alimentar os trabalhadores que se encontravam nas obras.

As pedras e madeiras necessárias à edificação do forte Príncipe da Beira eram retiradas de morros próximas e levadas através do rio Guaporé ao canteiro de obras. Sambucetti, ao dar notícias, em 23 de maio de 1775, a Pereira e Cáceres, deu destaque ao trabalho dos escravos que se encontravam extraindo madeiras da mata, principalmente procuravam aproveitar uma velha ubá<sup>10</sup> e transportá-la através do rio até ao canteiro de obras. Sambucetti procurava alternar as tarefas, deslocando os escravos e os carpinteiros para a retirada de madeiras que seriam utilizadas na construção dos edifícios. Era reduzido o número de carpinteiros para atender tamanha demanda de tarefas, como o fabrico de portas, preparação dos caibros para os telhados, portais; enfim, para as atividades que eram essenciais para a edificação dos primeiros edifícios. Um dos ajudantes do genovês chamava-se João Leme, e ocupava a função de mestre carpinteiro. João Leme tinha como auxiliares dois oficiais designados pelo comandante do forte Bragança. Além desses ajudantes, também contava para ajudá-lo um mulato chamado Antonio, apelidado de Taipeiro. Sambucetti também informou a Pereira e Cáceres que já tinha confeccionado “a planta; e que da parte de cima sobeja terreno bastante sobre a margem do rio para nele se construir os edifícios todos [...] ainda observando a mesma figura de um retângulo”.<sup>11</sup> As plantas foram feitas seguindo orientações de Pereira e Cáceres, em formato retangular, tipo uma estrela de quatro

---

10 Anais de Vila Bela: 1734-1789. AMADO, Janaina; ANZAI, Leny Caselli (Org.). Cuiabá, MT: Carlini e Caniato; EdUFMT, 2006, p. 176. “Ubás, Canoas de uma só peça de madeira”,

11 Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, de 23 de maio de 1775. In FREYRE, Gilberto. Contribuição, op. cit., pp. 291-292.

pontas, com muralhas abaluartadas, um estilo arquitetônico predominante nas fortificações ibero-americanas.

Em relação aos tipos mais comuns de traçados utilizados e projetados nas fortificações ibero-americanas, compartilhamos com as afirmações de Gutiérrez e Esteras (1991). Dentre elas destacamos que o traçado quadrangular foi o mais utilizado nas fortificações abaluartadas americanas, tanto de campanha como das permanentes [...]. Deve-se considerar a relação do traçado das fortificações em função das características topográficas do terreno. A linha podia seguir uma diretriz geométrica regular ou irregular.<sup>12</sup>

O genovês, ao ser designado por Pereira e Cáceres para construir a nova fortificação, sabia da operosa responsabilidade que lhe coubera para conduzir tal empreitada. Procurou, desde a sua chegada ao local, organizar o canteiro de obras, requisito primeiro para a edificação de uma fortificação. Desde o início das obras procurou prestar minuciosas informações ao governador, como as dúvidas que tinha, por exemplo, sobre “se devia construir primeiro os subterrâneos ou casamatas numa só cortina ou três”?

Sambucetti demonstrava inquietação com a segurança, pois conhecia muito bem como tinha sido construído o antigo forte, e sabia da importância de se edificar a nova fortificação de forma segura. O genovês procurou planejar a construção dos primeiros edifícios na parte mais alta do terreno, “em primeiro lugar os armazéns, e depois as demais acomodações, e verei que forme a figura de um retângulo”. A preocupação com o formato da fortificação era frequentemente observado por Sambucetti em suas cartas a Pereira e Cáceres que, por sua vez, assim determinara que fosse construído. Comunicava ao governador sobre os esteios que tinham sido feitos e as madeiras retiradas da floresta para serem utilizados na construção de portais, telhados etc. Uma das principais matérias-primas, as pedras, tão necessárias à construção da fortificação tinham sido encontradas em morros próximos ao canteiro de obras; o que permitiu executar a primeira parte do que tinha sido planejado.

Percebe-se nas atividades desenvolvidas por Sambucetti a relação entre a teoria e o trabalho prático: a confecção da planta, o preparo do terreno, a demarcação da área, a

---

12 UESSLER, Cláudia de Oliveira. Sítios Arqueológicos de Assentamentos Fortificados Ibero-Americanos na Região Platina Oriental. Porto Alegre, RGS, 2006. Tese (Doutoramento em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pp. 68-69.

recolha do material necessário para a edificação (pedras, madeira, etc), a construção dos primeiros edifícios. Beatriz Bueno destaca que todo o trabalho desenvolvido pelo engenheiro ao preparar o terreno e a aplicação dos procedimentos empregados durante a construção de fortificações, desde meados do século XVIII, pode ser observado nos capítulos 6º e 7º do tratado sobre *Arquitectura Militar* ou fortificação moderna, elaborado por Diogo da Silveira Velloso, que trata, principalmente, sobre a “*Hercotectonica*”.<sup>13</sup>

O tratado de Velloso apresenta descrições pormenorizadas de cada etapa a ser observada pelo engenheiro durante a edificação da fortificação, em especial, como se deveria proceder a medição do terreno. A modelagem do espaço (preparação do terreno) seguia critérios previamente planejados pela Coroa; dessa forma, objetiva-se formar nos territórios além-mar, ambientes normatizados e hierarquizados, vinculados aos interesses ideológicos, econômicos, religiosos e culturais da sociedade portuguesa da época.

Em junho de 1775, Sambucetti informou Pereira e Cáceres de que já tinha erguido “*todos os esteios principais dos dois armazéns do quartel de Almoxarifado, do Calabouço, e do Corpo da Guarda; e também se abriram os buracos para os esteios principais dos quartéis indicados na planta desde o número 10 até o número 20*”. Indicava as atividades desempenhadas pelos escravos e demais operários no corte de madeiras que seriam utilizadas na construção dos portais e na confecção de caibros para as armações dos telhados e informava sobre a sua mudança para o novo “quartel”, no qual incluía a mesa de riscar, instrumento necessário para trabalhar na confecção de novas plantas da fortificação.<sup>14</sup> Aliás, todo o trabalho de engenharia realizado no forte Príncipe da Beira necessitava de instrumentos apropriados, como as pranchetas circulares, as quais, segundo Beatriz Bueno, eram o “*mais importante instrumento empregado nos levantamentos topográficos*”.<sup>15</sup>

---

13 BUENO. Beatriz P. S. *Formação e Metodologia de Trabalho dos Engenheiros Militares: a Importância da "Ciência do Desenho" na Construção de Edifícios e Cidades*. Urbanismo 4 de origem portuguesa. Comunicação apresentada no Colóquio "A Construção do Brasil Urbano", Convento da Arrábida - Lisboa 2000, pp. 36-37.

14 APMT. Forte da Conceição, das Obras. Carta de Sambucetti para Pereira e Cáceres, 18 de junho de 1775. Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza: Série: Correspondência Passiva.

15 BUENO, op. cit., 2000, p. 33.

Em outro momento, fazia questão de frisar, novamente, sobre a arquitetura do forte Príncipe da Beira: “cuidei logo em mandar [...] levantar os armazéns e mais acomodações formando a figura de um retângulo, visto a capacidade do terreno assim o permitir, e eu não divisar inconveniente ou dificuldade alguma que me obrigasse a afastar-me da figura sobredita”.<sup>16</sup> A escolha do terreno, em um rochedo alto à margem direita do rio Guaporé, permitia construir, segundo sua avaliação, uma fortificação sem risco de desabar ou de sofrer com as enchentes, como tinha ocorrido com o forte Bragança.

Na minha última de 23 passado participei a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a capacidade que oferece o terreno *da parte de cima e na margem do rio* [...]; resta-me agora notificar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> de que para fora da esplanada e perpendicular ao lado do mesmo forte formei frente sobre o rio de 60 braças, e que ao fazer desta se acham 25 esteios já aplumados além de muitos buracos já feitos, e que todos custarão a abrir por se dar em pedra. As sobreditas 60 braças de frente compreendem os dois armazéns, os dois aquartelamentos para soldados, e o quartel do almoxarife, um dito para sargentos, o calabouço, o corpo de guarda, e o quartel para a mesma na conformidade da planta por V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ordenada; o terreno que se executam os sobreditos edifícios é perfeitamente plano; porém para a parte de cima depois de 60 braças declina consideravelmente, e por esta razão senão poderão formar os quatro quartéis indicados na planta com os números 1, 2, 12 e 13 de cujos fica reservada a sua construção nos lados menores do retângulo.<sup>17</sup>

Durante todo o mês de junho de 1775, o ritmo das obras continuou intenso, apesar das intempéries que surgiram durante esse período, como doenças que atingiram alguns escravos e trabalhadores livres. No entanto, havia avanços, pois o improvisado “escritório” de Sambucetti, levantado debaixo de laranjeiras, agora já podia ser substituído por acomodações mais confortáveis, com paredes sólidas, rebocadas com o abundante barro que existia na região e coberto com folhas de palmeiras, conhecidas como “olho de uacaba”, que foram utilizadas por serem consideradas mais fáceis de serem extraídas das matas. A carpintaria e mais dois “quartéis” já se encontravam também quase cobertos. Sambucetti estava terminando a construção de uma olaria e do forno que seriam utilizados para o fabrico de telhas para cobrir os armazéns e outros edifícios que se encontravam em fase de conclusão. O foco principal, nesse período, era

---

16 Forte da Conceição, das Obras. Carta de Sambucetti para Pereira e Cáceres, em 13 de junho de 1775. In FREYRE, Contribuição, op. cit., p. 295.

17 Id. p. 296.

terminar a construção desses edifícios. Para que isso fosse possível, os escravos eram freqüentemente deslocados das pedreiras para a extração de madeiras. Estavam concluídos dois armazéns, o “quartel” do almoxarife, o corpo da guarda e o calabouço, faltando construir outros “quartéis”, conforme tinham sido “indicados na planta desde o número 12 até o número 20, para que estejam ao menos estas acomodações prontas no caso que cheguem canoas do Pará com alguma brevidade”.<sup>18</sup>

A alusão à possível chegada de mercadorias do Estado do Grão-Pará permite-nos ter uma dimensão da importância da nova fortificação para o desenvolvimento econômico e comercial da capitania de Mato Grosso. Anterior a sua construção, o forte Bragança consistia no elo de ligação entre a Amazônia portuguesa e a capitania de Mato Grosso; o rio Guaporé era o corredor natural que permitia o transporte de mercadorias, tropas militares, armamentos, comerciantes, autoridades régias e eclesiásticas.

De um espaço “bruto”, “selvagem”, os portugueses, através do forte Bragança e com a movimentação no canteiro de obras do forte Príncipe da Beira, criavam uma nova espacialização, articulando esses sertões ao restante da América portuguesa. Cabe ressaltar que a atuação dos personagens que atuaram durante a edificação do forte Príncipe da Beira interferiu diretamente nos ecossistemas existentes: a mata foi derrubada para a retirada de madeiras, a terra foi revolvida para a extração de pedras, as margens do rio Guaporé tiveram sua mata ciliar derrubada, enfim, no espaço onde existiam palmeiras nativas foram edificados armazéns, almoxarifados e os edifícios para o corpo da guarda.

Em agosto de 1775, Sambucetti fez uma descrição pormenorizada do que tinha sido realizado até então a Pereira e Cáceres:

A planta inclusa mostra os edifícios que se estão construindo que são lavados de carmim [...]. Os números 1, 2 e 3 indicam os dois armazéns e o quartel para almoxarife que já se acabaram de cobrir, os números 4, 5 e 6 mostram o corpo da guarda, o quartel para a dita e o calabouço que se acabaram de encaibrar. Os números 7 e 8 indicam as casas grandes para acomodação dos pretos do Rei e todo o principio que tem estes dois edifícios é de estarem abertos todos os buracos e os esteios prontos para se levantarem. Os números 9, 10, 11, 12 retratam quatro quartéis cobertos, e com paredes intermediárias em termo de se barrearem. Os dois quartéis 13 e 14 já tem formadas as paredes que o dividem, e só falta cobri-los de palha como também o espaço destinado para os

---

18 Id. pp. 296-297.

quartéis número 15, 16 e 17 que sendo coberto servirá de telheiro para trabalhadores quando V<sup>a</sup>. Ex.<sup>a</sup> julgue serem bastantes os mais quartéis que ficam-se concluído.<sup>19</sup>

Essa era a primeira grande etapa a ser vencida por Sambucetti, pois depois de concluí-la, tinha planejado a abertura dos fossos para a construção das muralhas do forte. A extração e o transporte das pedras dos morros próximos eram atividades que demandavam o recrutamento de todos os escravos que, naquele momento, chegavam a setenta. Para Sambucetti esse número era insuficiente, o que o fez solicitar, inúmeras vezes, ao governador o envio de mais cativos para levar adiante a empreitada. Não era fácil obter essa mão-de-obra para trabalhar nas obras, apesar dessa população ser expressiva em proporção aos livres: em 1771, a população escrava chegava a 6.573 indivíduos, o que representava 55,42% de toda a população da capitania de Mato Grosso, que era de 11.859 habitantes.<sup>20</sup> Devido o alto custo para aquisição de escravos negros e a instável economia mato-grossense, baseada, principalmente, na mineração, as autoridades régias e os proprietários, desde meados do século XVIII, tiveram dificuldades para importar essa mão-de-obra, o que justificava a utilização de ameríndios em várias atividades produtivas da economia da capitania. O envio de cativos para trabalhar nas obras do forte Príncipe da Beira foi alvo de reclamações por parte de alguns proprietários, que alegavam que a ausência dos escravos poderia comprometer a produtividade de setores ligados à mineração e às propriedades agropastoris.<sup>21</sup>

Não havia também ferramentas, como alavancas, picaretas e pás, suficientes para a extração das pedras. Sambucetti tinha de aguardar os comerciantes da companhia geral do comércio do Grão-Pará e Maranhão ou da Vila Real do Cuiabá para trazerem essas mercadorias até as obras. Faltava gente especializada para a extração e o corte das pedras: por falta de um “cabouqiero”<sup>22</sup> com experiência nesse ofício, o genovês encarregou o feitor Thomaz Dias desse trabalho. Como dissemos, o trabalho de extração

---

19 APMT. Forte da Conceição, das obras. Carta de Sambucetti de 06 de agosto de 1775 a Pereira e Cáceres. Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza: Série: Correspondência Passiva.

20 SILVA, Jovam Vilela da. Mistura de Cores (Política de Povoamento e População na Capitania de Mato Grosso). Cuiabá: Editora da UFMT, 1985, p. 253.

21 VOLPATO, Luiza Rios Ricci. A Conquista da Terra no Universo da Pobreza. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: INL, 1987.

22 Especialista na extração e lapidação das pedras para a confecção das muralhas e dos alicerces do forte.

das pedras era bastante penoso, pois começava com a desobstrução da área onde se encontrava a pedreira até o transporte às embarcações que as levavam ao canteiro de obras. Havia uma nítida divisão de tarefas no canteiro de obras, cabendo a cada grupo de pessoas o desempenho de funções designadas, tendo por base a condição jurídica, social e étnica. Sambucetti procurou seguir o seu planejamento, e informou a Pereira e Cáceres que, provavelmente, que em meados de 1776, nos “princípios de Junho na festividade de anos de Sua Majestade poderá lançar a primeira pedra”.<sup>23</sup> Porém, no mês seguinte, o genovês começou a se preocupar com as chuvas que começaram na região, o que poderia dificultar a abertura dos fossos e o levantamento das primeiras muralhas do forte. Vários carregamentos de pedras já tinham sido transportados através do rio Guaporé para o canteiro de obras e algumas das ferramentas solicitadas já tinham sido entregues pelo comandante do forte Bragança, tendo sido ordenado ao feitor para que deixasse um grupo de escravos nas pedreiras e que outro ficasse extraindo as madeiras para serem levadas para a carpintaria.

Um dos armazéns tinha sido terminado, e estava pronto para receber os gêneros alimentícios e outras mercadorias de Vila Bela, Cuiabá e do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Sambucetti tinha a preocupação em estocar alimentos, pois sabia muito bem que se esses faltassem poderia ter sérios problemas, principalmente, com os escravos: não podia faltar à alimentação diária, caso contrário, as possibilidades de revoltas e a ocorrência de fugas aumentariam.

O genovês tinha pressa em colocar a olaria em funcionamento, para a fabricação de telhas, pois os edifícios que tinham sido cobertos com folhas de palmeira, que não suportariam as fortes chuvas que sempre caíam na região, entre os meses de novembro a março de cada ano. Os carpinteiros que acompanhavam os escravos na retirada da madeira da mata tinham contraído “febres catarrais”, deixando-os adoentados. Para ajudar nos trabalhos de carpintaria, Pereira e Cáceres enviou o capitão Joaquim Lopes Poupino até o canteiro de obras, pois o mesmo tinha experiência na confecção de taipas. Materiais, como telhas e pedras, eram aproveitados na nova fortificação, e os baluartes do forte Bragança foram recuperados e assentados nas muralhas do forte Príncipe da Beira. Em 14 de janeiro de 1776, Sambucetti enviou novas notícias a Pereira e Cáceres:

---

23 APMT. Forte da Conceição, das obras. Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 31 de agosto de 1775. Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza. Série: Correspondência Passiva.

Com as últimas ordens que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, foi servido participar-me em data de 6 de Dezembro logo mandei a limpar este terreno e ao mesmo tempo dei principio as medições e nivelamento dele, formando um quadrado de 132 braças, para dentro deste poder inscrever a figura projetada com a maior exatidão e juntamente os lados do dito quadrado, que caminham para o Centro foram prolongados, afim de ver se o terreno alteia de nível, e suposto que este primeiro trabalho ainda fica entre mãos, tendo só nivelado dois lados do dito quadrado; com tudo posso afirmar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que é um plano excelente, e sem defeito algum para o intento. Executadas estas necessárias preparações e assinalada a figura do corpo da praça dar-se-á principio à abertura do fosso, e da qualidade do terreno que eu achar, como também do progresso que tiver este trabalho irei dando conforme V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me ordena e tenho obrigação.<sup>24</sup>

Os sucessivos relatos enviados por Sambucetti, entre março e junho de 1776, apontam para a aceleração das diferentes fases das obras. Acreditava o genovês que o assentamento da “primeira pedra” da nova fortificação, poderia ser feita em abril daquele ano. No entanto, o genovês, alguns artesões e vários escravos ficaram bastante adoentados, devido às sezões que tinham contraído. Essa situação acabou interferindo no andamento dos serviços:

E finalmente as doenças dos que me haviam de ajudar [...] foram todas as causas que o prolongaram até o dia de hoje em que se acham os dois baluartes da parte da fortaleza velha com todas as balizas nos seus ângulos, e o baluarte da parte de cima e da terra com alguns buracos feitos para as balizas, e o 4º baluarte sobre o rio da parte de cima com os pontos assinalados para as mesmas balizas, que por todo será um trabalho de 3 dias que fica para se fazer. No dia 23 de Fevereiro se deu principio a abrir o fosso no ângulo franqueado e porção de duas faces do baluarte sobre o rio da parte de baixo; e tem-se achado que depois de dois palmos de terra todo é pedra japanhuacanga mais ou menos dura, que se vai quebrando com alavancas e acabada esta fiada, fica com 5 palmos de profundidade. A mesma pedra se tem encontrado nos buracos de 5 palmos que se abrirão para se levantarem as balizas. No segundo baluarte também em todos os 5 buracos das balizas se encontrou a mesma pedra. No 3º baluarte se acham os dois buracos em termos de receberem as balizas, mas nos 5 palmos que tem de alto se não tem ainda achado pedra só sim uma terra muito vermelha. No quarto baluarte que é outro sobre o rio da parte de cima ainda não se abriram os buracos, porém devo supor que haverá a mesma pedra porque aparece bastante na flor da terra.<sup>25</sup>

---

24 APMT. Forte da Conceição, das obras. Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 14 de janeiro de 1776. Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza. Série: Correspondência Passiva.

25 APMT. Forte da Conceição, das obras. Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 10 de março de 1776,

Como percebemos, o trabalho era bastante pesado, e a abertura dos fossos não era tarefa fácil. Nas cartas enviadas a Pereira e Cáceres, Sambucetti, além de apontar o ritmo em que se encontravam as obras, procurava relatar as duras condições ambientais que tinham de enfrentar os seus auxiliares militares, feitores, escravos e artesões, envolvidos nas diferentes fases de construção da fortificação. A engenharia portuguesa insistia em domesticar o sertão que, por sua vez, fazia as suas vítimas, com as “sezões” que nunca davam tréguas.

A cada escravo que caía adoentado ou morria, Sambucetti voltava a insistir com Pereira e Cáceres para que enviasse mais cativos para trabalhar nas obras. Ao derrubarem a mata para cortar madeiras, extrair as pedras, e com o contato freqüente com as águas do rio Guaporé, os escravos acabavam ficando vulneráveis a inúmeras doenças. Segundo Nauk Maria de Jesus, os habitantes dos povoados e da fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, do forte Bragança, do forte Príncipe da Beira e do forte Coimbra, que viviam nas proximidades dos rios Guaporé e do Paraguai, eram vítimas de “febres ou sezões [...] sendo nominadas como perniciosas, malignas, pútridas ou intermitentes, podendo estar relacionadas a uma série de enfermidades, como a malária”, o que levava diretamente a diminuição de pessoas aptas para o trabalho.<sup>26</sup> O próprio genovês tinha sido vítima de uma grande sezão, que o fez tomar “duas purgas”, ficando convalescendo por dias. Também sofria de problemas nos olhos, o que o atrapalhava no trabalho de confecção das plantas.

Praticamente, todos os governadores que administraram a capitania fizeram constar em suas correspondências enviadas ao Reino informações sobre as doenças contraídas em Mato Grosso. Sambucetti não foi exceção a esse quadro: em abril de 1776, mais um de seus auxiliares, o furriel Felix Botelho de Queiroz, foi vítima de uma enfermidade “gravíssima sendo no seu princípio umas sezões que logo arruinaram e o reduzirão a maior risco de vida”.<sup>27</sup>

---

Fundo: Defesa. Grupo: Fortaleza. Série: Correspondência Passiva.

26 JESUS, Nauk Maria de. Saúde e Doença: Práticas de Cura no Centro da América do Sul (1727-1808). Cuiabá, MT. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso, pp. 24-36. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/dissertacao>>. Acesso em: 28 jul. 2004.

27 Forte da Conceição, das obras. Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 1º de abril de 1776. Apud MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Rios Guaporé e Paraguai, op. cit., p. 321.

Apesar das baixas provocadas pelas condições insalubres da região, em 20 de junho de 1776, foi feito o lançamento da pedra de fundação do forte Príncipe da Beira, “cuja pedra foi com efeito posta no alicerce flanqueado no baluarte em que de presente se trabalha, com pequena diferença, olha para o Poente; e determinou o dito Sr. que a mesma Fortaleza, de hoje em diante, se denominasse – Real Forte Príncipe da Beira”. Durante o ato estiveram presentes:

[...] o Capitão de Dragões da Capitania de Goiás Joseph de Mello e Castro de Vilhena; o referido Engenheiro Domingos Sambucete; o Tenente de Dragões Joseph Manoel Cardoso da Cunha; o Tenente em segundo de Artilharia Thomé Joseph de Azevedo; o Alferes de Dragões Joaquim Pereira de Albuquerque, e o Capitão Joaquim Lopes Poupino e Intendente das Obras, do que se fez este Auto com quatro cópias mais; em que o dito Senhor Governador e Capitão General assinou e da mesma forma os sobreditos com as mais pessoas que abaixo constam e Eu Antonio Ferreira Coelho Escrevente da Fazenda Real que o escrevi.<sup>28</sup>

A partir dessa data, as cartas enviadas por Sambucetti a Pereira e Cáceres passaram a se referir ao forte Príncipe da Beira, e não mais ao canteiro de obras. Em outubro de 1776, o genovês noticiava ao governador que a primeira muralha do forte estava sendo erguida.

Depois de ficar assentada a sapata em ambas as faces e ângulos da espada deste primeiro baluarte, no dia 16 de Setembro se deu o princípio a muralha, e na data de hoje se acha meia face na altura de  $3^{1/2}$  palmos com três oficiais por estarem os mais doentes e um ocupado no forte da Conceição. O método com que vai executada a muralha é um tanto novo para estes oficiais; e em quanto o mesmo Patrício Antonio senão desembaraça pouco me posso afastar da obra. Na direção da linha capital mandei abrir um rasgo para despejo das águas do fosso, e é aonde a seu tempo se deve formar um cano de pedra para o referido fim.<sup>29</sup>

No mês de outubro, Sambucetti informou a Pereira e Cáceres que tinha encontrado uma grande quantidade de pedras próxima ao engenho de Félix Manuel Claro, e que eram consideradas de boa qualidade, bem diferentes das que tinha

---

28 APMT. 20 de junho de 1776. Auto de Fundação do Real Forte Príncipe da Beira. Fundo. Fundo. Governadoria. Grupo: Secretaria de Governo. Lata A. Correspondência recebida.

29 Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 08 de outubro de 1776, In FREYRE, op. cit., p 321.

vistoriado perto do engenho do Ajudante de Ordens, Antonio Felipe.<sup>30</sup> Depois de retirá-las do subsolo, cabia ao genovês supervisionar o trabalho de lavagem e o corte das pedras, que ficava sob os cuidados do “caboqueiro” (responsável pela extração das pedras). Importante ressaltar que o trabalho de cantaria, ou seja, de corte das pedras para a sustentação das muralhas exigia conhecimentos específicos em desenho, matemática, geometria e álgebra, que eram especialidades essenciais na formação do engenheiro militar. Detalhes sobre a lapidação de pedras que serviriam para a construção das muralhas do forte Príncipe da Beira podem ser observados em uma das plantas confeccionadas por Sambucetti, em outubro de 1776.<sup>31</sup> Além das pedras, era também necessário ter como complemento uma outra matéria-prima, a cal, produto que não tinha sido encontrado na região, mas em outros povoados da capitania de Mato Grosso.

No assento da sapata nos três ângulos e nas juntas das mais pedras lavradas que puseram a muralha em  $3^{1/2}$  de alto, por todo se tem gasto oito sacos de cal do Cuiabá que é o menor consumo que se pode ir fazendo desse gênero. Não obstante isso posso afirmar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que os que não souberam ser obra trabalhada em barro, hão de julgar diversamente tal é a segurança com que vai se executando.<sup>32</sup>

Sambucetti se referia à edificação do forte Príncipe da Beira, das suas muralhas feitas com pedras misturadas com cal e barro, que dariam mais aderência e tornariam aquela fortificação mais segura. Em diversos momentos, Sambucetti procurava valorizar o seu trabalho, afirmando que a nova fortificação era mais resistente e melhor construída do que a anterior. Salienta, inclusive, que o barro, como estava sendo utilizado, dava mais “segurança” à edificação. O uso do barro era justificado, aliás, pela dificuldade em obter a necessária cal,<sup>33</sup> sendo longo e demorado o trajeto feito até a chegada desse material ao forte Príncipe da Beira.<sup>34</sup>

---

30 APMT. Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, em 07 de outubro de 1776. Local: forte Príncipe da Beira. Fundo: Governadoria. Grupo: Secretaria de Governo. Lata A Série: Correspondência recebida.

31 APMT. Detalhes da Planta: confecção de pedras para as muralhas do forte Príncipe da Beira, Outubro de 1776. Local Forte Príncipe da Beira. Fundo Governadoria. Grupo: Secretaria de Governo. Série: Correspondência Passiva.

32 Carta de Sambucetti enviada em 6 de novembro de 1776, ao Ouvidor da capitania de Mato Grosso Manoel Pedro de Abreu Roballo. In. FREYRE, Gilberto. Contribuição, op. cit. p 323.

33 A cal utilizada na edificação do forte Príncipe da Beira não era proveniente somente da Vila Real do Cuiabá; a partir da fundação do povoado de Albuquerque (atual Corumbá, MS), em 1778, essa matéria-prima passou a ser enviada para o forte visando à construção dos edifícios e das suas

A busca por pedras de boa qualidade continuava constante nas áreas próximas do forte. Em 8 de janeiro de 1777, Sambucetti voltou a dar notícias a Pereira e Cáceres sobre a extração das pedras que seriam utilizadas para a construção da porta de entrada do forte:

Com a notícia de que se tinham extraído bastantes pedras das que tinha encomendado, foi há pouco dias à pedreira aonde na verdade achei algumas peças de bom comprimento e largura para as obras necessárias da porta; depois de se reduzirem à grossura de palmo e meio se irão transportando para estas obras a fim de se lavar em primeiro lugar as Reais Armas, a inscrição, as impostas [...] e as do arco da porta e o mais que for preciso, como são as do cordão que também precisam palmo e meio de grosso, para ter o dito um palmo de diâmetro e duas polegadas de diâmetro e duas polegadas de filete em cada porta, como se executou em Macapá [...].<sup>35</sup>

As inscrições régias que foram colocadas no portão de entrada do forte Príncipe da Beira eram as mesmas que tinham sido colocadas na fortaleza de São José do Macapá, no Estado do Grão-Pará e Maranhão: o brasão, representando a dinastia Bragança; a Coroa, o poder do rei, e o crucifixo, a presença da igreja.

Enquanto as obras do forte Príncipe da Beira prosseguiram,<sup>36</sup> o início do ano de 1777, trouxe profundas mudanças para a política portuguesa. Em 24 de fevereiro, findava o reinado de D. José I, e ocorria o desterro político do marquês de Pombal. Mas aquela obra de fortificação, iniciada em 1775, mesmo inconclusa, demarcou as ousadas pretensões políticas do reinado josefino, em garantir na fronteira mais ocidental do Império português, o controle de uma vasta região situada no vale do Guaporé, limítrofe com as populosas missões de Moxos e Chiquitos, instaladas no Vice-reinado do Peru.

Com a entronização de D. Maria I, Portugal e Espanha celebraram um novo acordo diplomático, em 1º de outubro de 1777, o Tratado de Santo Ildefonso, que

---

muralhas.

34 “A cal empregada na construção fora enviada de Corumbá pela via fluvial do [rio] Jaurú e dali à do [rio] Guaporé; só em 1782 foram conduzidas pedras que deram para o fabrico de 2.000 alqueires [de cal]. As obras de cantaria eram executadas no [rio] Jaurú e o restante do material vinha do Pará, pelo rio Madeira, na época tão movimentado, a ponto de dar melhores resultados que as monções de povoados”. FERRAZ, Antônio Leôncio Pereira. Memória sobre as Fortificações de Mato Grosso, op. cit., p. 183.

35 Carta de Sambucetti a Pereira e Cáceres, 08 de janeiro de 1777. In. FREYRE, Gilberto. Contribuição, op. cit., p. 331.

36 Sambucetti continuou no comando das obras de construção do forte Príncipe da Beira até dezembro de 1777. Em 1778 faleceu de malária, doença que o atormentou durante todo o período em que viveu na capitania de Mato Grosso. Como seu substituto, foi nomeado o Capitão de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

dispunha: “Nos rios cuja navegação for comum às duas nações em todo ou em parte, não se poderá levantar ou construir por alguma delas forte, guarda ou registro”. Apesar desta cláusula, as obras do forte Príncipe da Beira não cessaram e, tampouco, os portugueses deixaram de utilizar os “quartéis” que tinham sido construídos por Sambucetti e seus sucessores como bases de apoio para freqüentes patrulhas do rio Guaporé e seus tributários, para o ataque a quilombos, para o contrabando com castelhanos e para a captura de escravos e colonos endividados que fugiam para o Vice-reinado do Peru.

O forte Bragança e o forte Príncipe da Beira foram produtos de uma conturbada época, onde a soberania portuguesa dependia da construção desses aparatos de defesa. Apesar de sua edificação ter gerado grandes despesas para a Provedoria da Fazenda da capitania e para os acionistas da companhia geral do Grão-Pará e Maranhão, com o pagamento da folha de militares, aquisição de escravos, despesas com artesãos, compra de armamentos e outros equipamentos, o forte Príncipe da Beira teve sua inauguração oficial em 1783. O seu custo total foi previsto pelo seu Diretor de Obras, o Capitão José Pinheiro de Lacerda, em 480:000\$000 (quatrocentos e oitenta mil contos de réis). Para os administradores portugueses da “era das luzes”, o papel desempenhado pelos engenheiros em territórios além-mar acabou personificando um ideal de ciência a serviço do Estado, pois esses profissionais foram considerados pela Coroa como homens cujos conhecimentos foram colocados a serviço do “bem estar público”. Domingos Sambucetti,<sup>37</sup> assim como muitos outros engenheiros que passaram pela América do Sul, como o espanhol Tibúrcio Spanocchi, Frias de Mesquita, José Custódio de Farias, António José Landi, Henrique António Galuzzi, Ricardo Franco de Almeida Serra, entre tantos, contribuíram para que a Coroa estabelecesse sua presença, tanto no litoral como às margens dos rios interioranos da América do Sul, buscando consolidar a sua supremacia política, militar, econômica, religiosa e cultural.

---

37 FARIA, Miguel. Príncipe da Beira: a fortaleza para além dos limites. Revista Oceanos no 28, outubro/dezembro de 1996. Fortalezas da Expansão Portuguesa. Segundo o autor, é essa a percepção também de Gilberto Freyre, Sambucetti, entre fins de 1777 e início de 1778 (data imprecisa) veio a falecer.